

# Hilda Hilst



CANTARES

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Cantares

*Obras reunidas de Hilda Hilst*  
Organização e plano de edição:  
Alcir Pécora

Prosa: A obscena senhora D/ Cartas de um sedutor/ Qadós/ Contos de escárnio. Textos grotescos/ Fluxo-floema/ Rútilos/ Tu não te moves de ti/ O caderno rosa de Lori Lamby/ Com meus olhos de cão/ Estar sendo. Ter sido/ Cascos e carícias. Poesia: Júbilo, memória, noviciado da paixão/ Bufólicas/ Cantares/ Exercícios/ Da morte. Odes mínimas/ Baladas/ Do desejo/ Poe-mas malditos, gozosos e devotos.

Hilda Hilst

Cantares



BIBLIOTECA AZUL

Copyright © 2001 by Hilda Hilst

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

*Consultoria e estabelecimento de texto,  
cronologia e bibliografias:* Edson Costa Duarte  
e José Luís Mora Fuentes

*Revisão:* Eliane de Abreu Maturano Santoro

*Normalização das bibliografias:* Ronald Polito

*Capa:* inc. design editorial

*Foto de contracapa:* © Eduardo Simões / *Cadernos de  
Literatura Brasileira* / Acervo Instituto Moreira Salles  
*Produção para ebook:* S2 Books

1.ª edição, 2002

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hilst, Hilda

Cantares / Hilda Hilst. – São Paulo : Globo, 2004. – (Obras reunidas de Hilda Hilst)

Bibliografia.

ISBN 978-85-250-5251-6

214kb; ePUB

1. Poesia brasileira I. Título. II. Série.

02-0129

CDD-869.915

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Século 20 : Literatura brasileira 869.915
2. Século 20 : Poesia : Literatura brasileira 869.915

Direitos de edição em língua portuguesa  
adquiridos por Editora Globo S. A.

Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo, SP  
[www.globolivros.com.br](http://www.globolivros.com.br)

# Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Nota do organizador

Cantares do sem nome e de partidas

Dedicatória

Epígrafe

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

Cantares de perda e predileção

Epígrafe

Dedicatória

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI



XII  
XIII  
XIV  
XV  
XVI  
XVII  
XVIII  
XIX  
XX  
XXI  
XXII  
XXIII  
XXIV  
XXV  
XXVI  
XXVII  
XXVIII  
XXIX  
XXX  
XXXI  
XXXII  
XXXIII  
XXXIV  
XXXV  
XXXVI  
XXXVII  
XXXVIII  
XXIX  
XL  
XLI  
XLII  
XLIII  
XLIV  
XLV  
XLVI  
XLVII

[XLVIII](#)

[XLIX](#)

[L](#)

[LI](#)

[LII](#)

[LIII](#)

[LIV](#)

[LV](#)

[LVI](#)

[LVII](#)

[LVIII](#)

[LIX](#)

[LX](#)

[LXI](#)

[LXII](#)

[LXIII](#)

[LXIV](#)

[LXV](#)

[LXVI](#)

[LXVII](#)

[LXVIII](#)

[LXIX](#)

[LXX](#)

[Obras publicadas de Hilda Hilst](#)

[Bibliografía seleccionada sobre Hilda Hilst](#)

[Cronología](#)

## Nota do organizador

Cantares é o terceiro volume da série poética desta edição das obras de Hilda Hilst. Compõe-se da reunião de dois livros seus publicados com um intervalo de mais de uma década: *Cantares de perda e predileção*, de 1983, com setenta poemas, e *Cantares do sem nome e de partidas*, de 1995, com dez, que é também o seu último volume de poesias inéditas. O interesse principal da reunião é o de trazer para o primeiro plano de leitura a maneira como Hilda se aplica à forma dos *cantares*, ou *cânticos*, tomando-se como matriz o livro bíblico. É ainda o amor dos esposos a sua matéria, mas a celebração sensualíssima das núpcias aparece aqui trocada por um registro de batalhas e lutas, no qual o tom elegíaco, pesaroso, alterna com o francamente belicoso. Nestes versos heterométricos, dispostos em esquemas estróficos livres, a personagem principal, quando tem nome, não é o de amor, mas de Ódio-Amor.

Em termos mais específicos, o primeiro livro de *Cantares* trata da memória dos lugares de convivência e disputas amorosas. São paisagens com cores determinadas (ouro-eternidade; vermelho-paixão; azul-claridade; gesso-máscara) e elementares: águas (gelo, degelo, enxurrada, laguna, lago, mar); fogos (sol, luz, treva, sombras); terras (montanhas, torres, praças, areias, breu, poeira, pedras, prumos soterrados, pés, passos, caminho); ares (céu, lua ferida, sol). Configurado por estes elementos básicos, um *locus* metafórico se oferta rico de árvores e frutos (ciprestes, cedros, abetos, gomos, lírios, folhas, cascas, pomos, mel, aroma); construções (moradas, muros, portas trancadas, paredões, casas, tijolos, pás, mó, cestos, esteiras, espelhos); animais (cães, garras, leopardos, tigres, cadelas, lobos, cavalos cegos e negros, pelos, aves, pombas). Ao mesmo tempo em que se multiplica, o *locus* dos cantares também distorce e embaça a vista, recoberto por véus (fibras, tecidos, lençóis, sedas, cambraias, lãs, listras). No conjunto

da invenção, o *locus* funciona como uma espécie de herói ativo e determinado.

A elocução hilstiana passa pelos lugares poéticos do *tempus fugit* e do *ubi sunt* (calendários sumidiços, fatos roídos, datas, negativos, fotos em branco e preto, rolo nas gavetas, gosto que estanca a vida, vida que esmorece), mas não são eles que articulam os principais sen-tidos dos cantares. Nestes, o tempo do efêmero revela tinturas de sangue; presságios de golpes dolosos, instrumentos de corte, alusões a tortura (tensor, lança, facas, agulhas, espadas, ponta, talhos, incisor, punturas, lanhos, retalhos, forquilha, tranco, simetrias, justezas, fissura) tensionam e assombram o lugar, que nunca é ameno.

Tal é o campo de batalhas do Ódio-Amor, assentado em vasto repertório da tradição lírica ibérica. Pode-se tentar defini-lo como um desejo de sublime que esbar-ra num outro, cego, tosco, furioso, que é, também, por vezes, arquiteto de armadilhas, emboscadas e redes. O Ódio-Amor manifesta-se igualmente no narcisismo do amado, que toma o amante como imagem de sua própria fantasia, e indistingue compaixão e crueldade. A figura paradoxal preside ainda a operação poética que recria o desengano do amante nas palmas do martírio, no sacrifício voluntário da carne machucada, no pedido da graça do castigo. No limite, tal poesia se constitui como uma espécie de ritualização amplificada, na qual os cantares são oferendas do amante como vítima imolada em favor da crueza do amado, ou então como besta a ser amansada, que celebra a separação e a dor como penitência e, finalmente, providência.

No caso de *Cantares do sem nome e de partidas*, as penas de amor tomam formas menos furiosas e vingativas, embora ainda ressentidas. O tormento existe como descontentamento e fadiga, como interdição e luto, como lucidez que descobre a ausência de merecimento no amor. A amplificação da cena amorosa, aqui, em vez de expandir-se, como nos cantares do livro anterior, encolhe-se. Apenas em lugares de partida, como nas me-táforas da loucura e da morte, o espetáculo da poesia amorosa é verossímil, em seus excessos pungentes de conceito, pompa, santidade, penitência, pecado e negação simultânea do celeste e do terreno. Neste ponto

radical, a economia metafórica tem como chave a possessão do amante, traduzido por *impossibilia*: um tigre com desejo de seu avesso manso; o oco do ovo; o nome de ninguém; um Isso-Esse que é Nunca-Mais; um Outro de Deus e de Satã, uma perpetuidade no que parece efêmero, a máxima efemeridade do que se supunha eterno. A eloquência da paixão é breve e cômica, como cantares de louca ou de possessa que deseja a ilusão da eternidade soprada pelo amor vão e perecível, a esperança que se levanta do pó e do nada.

Alcir Pécora  
*Professor de teoria literária na Unicamp*

Cantares do sem nome e de partidas

*A André Pinotti  
e à memória de  
Mirella Pinotti*

*Ó tirânico Amor, ó caso vário  
Que obrigas um querer que sempre seja  
De si contínuo e áspero adversário...*

Luís Vaz de Camões

*Cubram-lhe o rosto, meus olhos ofuscam-se;  
ela morreu jovem.*

John Webster

# I

Que este amor não me cegue nem me siga.  
E de mim mesma nunca se aperceba.  
Que me exclua do estar sendo perseguida  
E do tormento  
De só por ele me saber estar sendo.  
Que o olhar não se perca nas tulipas  
Pois formas tão perfeitas de beleza  
Vêm do fulgor das trevas.  
E o meu Senhor habita o rutilante escuro  
De um suposto de heras em alto muro.

Que este amor só me faça descontente  
E farta de fadigas. E de fragilidades tantas  
Eu me faça pequena. E diminuta e tenra  
Como só soem ser aranhas e formigas.

Que este amor só me veja de partida.



## II

E só me veja

No não merecimento das conquistas.  
De pé. Nas plataformas, nas escadas  
Ou através de umas janelas baças:  
Uma mulher no trem: perfil desabitado de carícias.  
E só me veja no não merecimento e interdita:  
Papéis, valises, tomos, sobretudos

Eu-alguém travestida de luto. (E um olhar  
de púrpura e desgosto, vendo através de mim  
navios e dorsos.)

Dorsos de luz de águas mais profundas. Peixes.  
Mas sobre mim, intensas,ilhargas juvenis  
Machucadas de gozo.

E que jamais perceba o *rocío* da chama:  
Este molhado fulgor sobre o meu rosto.

### III

Isso de mim que anseia despedida  
(Para perpetuar o que está sendo)  
Não tem nome de amor. Nem é celeste  
Ou terreno. Isso de mim é marulhoso  
E tenro. Dançarino também. Isso de mim  
É novo: Como quem come o que nada contém.  
A impossível oquidão de um ovo.  
Como se um tigre  
Reversivo,  
Veemente de seu avesso  
Cantasse mansamente.

Não tem nome de amor. Nem se parece a mim.  
Como pode ser isso? Ser tenro, marulhoso  
Dançarino e novo, ter nome de ninguém  
E preferir ausência e desconforto  
Para guardar no eterno o coração do outro.

## IV

E por que, também não doloso e penitente?  
Dolo pode ser punhal. E astúcia, logro.  
E isso sem nome, o despedir-se sempre  
Tem muito de sedução, armadilhas, minúcias  
Isso sem nome fere e faz feridas.  
Penitente e algoz:  
Como se só na morte abraçasses a vida.

É pomposo e pungente. Com ares de santidade  
Odores de cortesã, pode ser carmelita  
Ou Catarina, ser menina ou malsã.

Penitente e doloso  
Pode ser o sumo de um instante.  
Pode ser tu-outro pretendido, teu adeus, tua sorte.  
Fêmea-rapaz, ISSO sem nome pode ser um todo  
Que só se ajusta ao Nunca. Ao Nunca Mais.

## V

O Nunca Mais não é verdade.  
Há ilusões e assomos, há repentos  
De perpetuar a Duração.  
O Nunca Mais é só meia verdade:  
Como se visses a ave entre a folhagem  
E ao mesmo tempo não.  
(E antevisses  
Contentamento e morte na paisagem).

O Nunca Mais é de planície e fendas.  
É de abismos e arroios.  
É de perpetuidade no que pensas efêmero  
E breve e pequenino  
No que sentes eterno.

Nem é corvo ou poema o Nunca Mais.

## VI

Tem nome veemente. O Nunca Mais tem fome.  
De formosura, desgosto, ri  
E chora. Um tigre passeia o Nunca Mais  
Sobre as paredes do gozo. Um tigre te persegue.  
E perseguido és novo, devastado e outro.  
Pensas comicidade no que é breve: paixão?  
Há de se diluir. Molhaduras, lençóis  
E de fartar-se,  
O nojo. Mas não. Atado à tua própria envoltura  
Manchado de quimeras, passeias teu costado.

O Nunca Mais é a fera.

## VII

Rios de rumor: meu peito te dizendo adeus.  
Aldeia é o que sou. Aldeã de conceitos  
Porque me fiz tanto de ressentimentos  
Que o melhor é partir. E te mandar escritos.  
Rios de rumor no peito: que te viram subir  
A colina de alfafas, sem éguas e sem cabras  
Mas com a mulher, aquela,  
Que sempre diante dela me soube tão pequena.  
Sabenças? Esqueci-as. Livros? Perdi-os.  
Perdi-me tanto em ti  
Que quando estou contigo não sou vista  
E quando estás comigo veem aquela.

## VIII

Aquela que não te pertence por mais queira  
(Porque ser pertencente  
É entregar a alma a uma Cara, a de áspide  
Escura e clara, negra e transparente), Ai!  
Saber-se pertencente é ter mais nada.  
É ter tudo também.  
É como ter o rio, aquele que deságua  
Nas infinitas águas de um sem-fim de ninguéns.  
Aquela que não te pertence não tem corpo.  
Porque corpo é um conceito suposto de matéria  
E finito. E aquela é luz. E etérea.

Pertencente é não ter rosto. É ser amante  
De um Outro que nem nome tem. Não é Deus nem  
Satã.  
Não temilharga ou osso. Fende sem ofender.  
É vida e ferida ao mesmo tempo, "esse"  
Que bem me sabe inteira pertencida.

## IX

Ilhargá, osso, algumas vezes é tudo o que se tem.  
Pensas de carne a ilha, e majestoso o osso.  
E pensas maravilha quando pensas anca  
Quando pensas virilha pensas gozo.  
Mas tudo mais falece quando pensas tardança  
E te despedes.  
E quando pensas breve  
Teu balbucio trêmulo, teu texto-desengano  
Que te espia, e espia o pouco tempo te rondando a  
ilha.  
E quando pensas VIDA QUE ESMORECE. E retomas  
Luta, ascese, e as mós vão triturando  
Tua esmaltada garganta... Mas assim mesmo  
Canta! Ainda que se desfaçam ilhargas, trilhas...  
Canta o começo e o fim. Como se fosse verdade  
A esperança.



## X

Como se fosse verdade encantações, poemas  
Como se Aquele ouvisse arrebatado  
Teus cantares de louca, as cantigas da pena.  
Como se a cada noite de ti se despedisse  
Com colibris na boca.  
E candeias e frutos, como se fosses amante  
E estivesses de luto, e Ele, o Pai  
Te fizesse porisso adormecer...  
(Como se se apiedasse porque humana  
És apenas poeira,  
E Ele o grande Tecelão da tua morte: a teia).

Como se fosse vão te amar e por isso perfeito.  
Amar o perecível, o nada, o pó, é sempre despedir-se.  
E não é Ele, o Fazedor, o Artífice, o Cego  
O Seguidor disso sem nome? ISSO...

O amor e sua fome.

## Cantares de perda e predileção

*... en liquido humor viste y tocaste  
mi corazón deshecho entre tus manos*

Sóror Juana Inés de la Cruz

*A mi, no el saber (que aún no sé) solo el  
desear saber me ha costado gran trabajo.*

Sóror Juana Inés de la Cruz

*À memória de Ernest Becker*

# I

Vida da minha alma:  
Recaminhei casas e paisagens  
Buscando-me a mim, minha tua cara.  
Recaminhei os escombros da tarde  
Folhas enegrecidas, gomos, cascas  
Papéis de terra e tinta sob as árvores  
Nichos onde nos confessamos, praças

Revi os cães. Não os mesmos. Outros  
De igual destino, loucos, tristes,  
Nós dois, meu ódio-amor, atravessando  
Cinzas e paredões, o percurso da vida.

Busquei a luz e o amor. Humana, atenta  
Como quem busca a boca nos confins da sede.  
Recaminhei as nossas construções, tijolos  
Pás, a areia dos dias

E tudo que encontrei te digo agora:  
Um outro alguém sem cara. Tosco. Cego.  
O arquiteto dessas armadilhas.

## II

Que dor desses calendários  
Sumidiços, fatos, datas  
O tempo envolto em visgo  
Minha cara buscando  
Teu rosto reversivo.

Que dor no branco e negro  
Desses negativos  
Lisura congelada do papel  
Fatos roídos  
E teus dedos buscando  
A carnação da vida.

Que dor de abraços  
Que dor de transparência  
E gestos nulos  
Derretidos retratos  
Fotos fitas

Que rolo sinistro  
Nas gavetas.

Que gosto esse do Tempo  
De estancar o jorro de umas vidas.

### III

Se a tua vida se estender  
Mais do que a minha  
Lembra-te, meu ódio-amor,  
Das cores que vivíamos  
Quando o tempo do amor nos envolvia.  
Do ouro. Do vermelho das carícias.  
Das tintas de um ciúme antigo  
Derramado  
Sobre o meu corpo suspeito de conquistas.  
Do castanho de luz do teu olhar  
Sobre o dorso das aves. daquelas árvores:  
Estrias de um verde-cinza que tocávamos.

E folhas da cor de tempestades  
Contornando o espaço  
De dor e afastamento.

Tempo turquesa e prata  
Meu ódio-amor, senhor da minha vida.  
Lembra-te de nós. Em azul. Na luz da caridade.

## IV

Lobos  
Lerdos leopardos  
Cadelas

Ternuras velhas

Nós, lado a lado  
Num sumidouro de linhas  
E ponteiros de pedra.

Enrodilhados  
Escuros  
Famintos de nossas sombras  
Nas aldeias antigas.

Lobo  
Leopardo-cadela

Ternuras velhas

Tu e eu desenhados  
Treliças e telas  
Nas tintas da conquista.

## V

Me vias  
Partida ao meio.  
A cara das emboscadas  
Dizias  
Essa era a cara do meu desejo.

E possuías  
O inteiriço, o Narciso  
Tu mesmo e tua fantasia.  
Um fronteiroço de linhas  
Que se pensavam contíguas.

Me vias dura, vestida  
De lãs e de campainhas.  
Sobre o teu vale eu passava  
Em chagas, sem parceria.

Passava, sim.  
Mas nua, queimada  
Do amor que tu me tiravas.



## VI

Eu não te vejo  
Quando teu ódio aflora.  
Como poderia  
Ver teu ódio e a ti

Iludida  
Por uma só labareda da memória?

Cegos, não somos dois.  
Apenas pretendemos.  
Devorados e vastos  
Temos um nome: EFÊMERO

## VII

E se leopardos e tigres  
Convivessem

E se no mundo houvesse  
Lonjura de cordas  
Para amarrar torres vastas  
(as incansáveis crias do desejo)

E se águas não fossem molhadas  
E o que fosse montanha  
Ao invés de altura  
Se fizesse rasa

Se o fogo não tragasse  
Sua própria espessura  
E a lucidez perfeita  
Não fosse embriaguez

Do teu excesso  
E da minha loucura  
Um caminho adequado  
Em direção a Deus.

## VIII

Me vinha:  
Que se tecesse  
Hastes de compaixão  
Corolas de caridade

Sopro e saudade tecidos  
Na rede do coração

Eu nunca mais sentiria  
Teu nome de hostilidade.

Me vinha:  
Se desfizesse  
O que já trançado tinha

Meu nome é que ficaria  
Amor na tua eternidade.

Então teci

Sóis e vinhas:  
Ouro-escarlate-paixão

E consumida de linhas  
Enovelada de ardência  
Te aguardo às portas da minha cidade.

## IX

E atravessamos portas trancadas.  
Esteiras pedras e cestos  
Espreitam  
Nossas passadas.  
E amamos como quem sonha  
Cancelas de sal e palha  
Prendendo o sono.

Assim te amo. Sabendo.  
Degelo prendendo as águas.

## X

E a língua lambe  
A cria que se feriu  
De puro arrojo  
E altaneria.  
De gozo, sabor e nojo  
Desta conquista de mim.  
De tua companhia.

Cadentes teu passo e o meu  
Temos a marcha de dois caminhos  
De pelo e breu.  
Lentos, tenazes  
Em nós demora-se  
O amor e a cólera.

A crueldade.  
Que é o som de Deus.

## XI

Faremos deste modo  
Para que as mãos não cometam  
Os atos derradeiros:

Envolveremos as facas e os espelhos  
Nas lãs dobradas, grossas.  
E de alongadas nódoas, o ressentimento.

Pintadas as caras num matiz de gesso  
Recobriremos corpo, carne  
Na tentativa cálida, multiforme  
Na rubra pastosidade

De um toque sem sofrimento.

E afinal  
Cara a cara (espelho e faca)  
De nossas duplas fomes  
Não diremos.

## XII

Um cemitério de pombas  
Sob as águas  
E águas-vivas na cinza

Ósseas e lassas sobras  
Da minha e da tua vida.

Um pedaço de muro  
Na enxurrada  
Prumos soterrados, nascituros  
No céu

Indecifráveis sobras  
Da minha e da tua vida.

Um círculo sangrento  
Uma lua ferida de umas garras  
Assim de nós dois o escuro centro.

E no abismo de nós  
Havia sol e mel.

## XIII

E batalhamos.  
Dois tigres  
Colados de um só deleite  
Estilhaçando suas armaduras  
Amor e fúria  
Carícia, garra

Tua luz

E a centelha rara  
De um corpo e duas batalhas.



## XIV

Como se desenhados  
Tu  
E o de dentro da casa.  
Entro  
Como se entrasse  
No papel adentro

E sem ser vista  
Rasgo  
Alguns véus e fibras

Sem ser amada  
Pertença.

Que sobreviva  
O fino traço de tua presença.  
Aroma. Altura.  
E lacerada eu mesma

Que jamais se perceba  
Umas gotas de sangue na gravura.

## XV

Para poder morrer  
Guardo insultos e agulhas  
Entre as sedas do luto.

Para poder morrer  
Desarmo as armadilhas  
Me estendo entre as paredes  
Derruídas.

Para poder morrer  
Visto as cambraias  
E apascento os olhos  
Para novas vidas.

Para poder morrer apetecida  
Me cubro de promessas  
Da memória.

Porque assim é preciso  
Para que tu vivas.

## XVI

Se o mel escorresse  
Da boca do tigre  
Transmutando listras  
Talho  
Num lagar de meiguice

O incisor em nós  
As sinistras punturas

Os alanhados, meu ódio-amor,  
Um clarão de carícias  
Entre as partituras.

Se o rugidor em nós  
Se somasse à névoa  
À calmaria da velhice

Nos outeiros do espaço  
O rugido da vida.  
Um barco. E o número par.

## XVII

Os juncos afogados  
Um cão ferido  
As altas paliçadas  
Devo achar a palavra  
Companheira do grito.

Um risco n'água  
Um pássaro aturdido  
Entre o capim e a estrada

Um grande girassol  
Explodindo entre as rodas

Imagens de mim  
Na caminhada.

## XVIII

Para tua fome

Eu teria colocado meu coração  
Entre os ciprestes e o cedro

E tu o encontrarias  
Na tua ronda de luta e incoesão:  
A ronda que persegues.

Para tua sede  
As nascentes da infância:  
Um molhado de fadas e sorvetes.

E abriria em mim mesma  
Uma nova ferida

Para tua vida.

## XIX

Corpo de carne  
Sobre um corpo de água.  
Sonha-me a mim  
Contigo debruçada  
Sobre este corpo de rio.  
Guarda-me  
Solidão e nome

E vive o percurso  
Do que corre  
Jamais chegando ao fim.

Guarda esta tarde  
E repõe sobre as águas  
Teus navios. Pensa-me  
Imensa, iluminada  
Grande corpo de água  
Grande rio  
Esquecido de chagas e afogados.

Pensa-me rio.  
Lavado e aquecido da tua carne.

## XX

Soberbo  
Libertas sobre o meu peito  
Teu cavalo cego.  
E pontas e patas  
Tentam enlaçadas  
Furtar-se às águas  
Do sentimento.

Suja de espadas  
Golpeada em negro

Sou tua cara e medo

Teu cavaleiro  
Teu corpo  
Tua cruzada.

## XXI

De ossos  
De altos pomos  
De ódio e ouro

Doloso

Teu rosto  
Sobre a minha cara  
Crepuscular

Gozoso  
Sobre o meu corpo

Criando magia e ponta

Para morrer  
E fazer matar.



## XXII

Toma para teu gozo  
Este rio de saudade.  
Nenhum recobrirá teu corpo  
Com tamanha leveza  
E com tal gosto

Ainda que sejam muitos  
Os largos rios da Terra.

Toma para teu gozo  
Minha dor e insanidade  
De nunca voltar a ver  
Meu próprio rosto.  
E aguarda uma tarde sem tempo  
Quando serei apenas retalhada

Um espelho molhado de umas águas.

## XXIII

Eu amo Aquele que caminha  
Antes do meu passo.  
É Deus e resiste.

Eu amo a minha morada  
A Terra triste.  
É sofrida e finita  
E sobrevive.

Eu amo o Homem-luz  
Que há em mim.  
É poeira e paixão  
E acredita.

Amo-te, meu ódio-amor  
Animal-Vida.  
És caça e perseguidor  
E recriaste a Poesia  
Na minha Casa.

## XXIV

Cavalos negros  
Entre lençóis e abetos.  
E machetadas as cartas

Repulsa e gosma  
Entre as palavras.

E listras  
Desejo  
Pás

E leopardos de gelo  
Entre a mó e o pelo.

E ainda assim  
Altura, forquilha tranco

Teu ódio-amor  
Procura minha pegada.

## XXV

Insensatez e sombra.  
Foi o que se apossou de mim  
Quando sonâmbula

Amoldei meus pés ao teu caminho.  
Um distorcido de luzes e de lírios  
Lagunas ruivas, vozes  
Vindas de um não sei onde, vivas

Me fizeram supor que o teu caminho  
Era a luz do meu passo, merecida  
Porque de luta e a sós  
Toda minha vida.

E agora sei que as palmas do martírio  
É que brilhavam

E ruivos  
Eram os lagos de nudez e sangue  
E viva era minha própria voz  
Maldizendo meu nome.

## XXVI

De sacrifício  
De conhecimento  
Da carne machucada

Os joelhos dobrados  
Frente ao Cristo

Meu canto compassado  
De mulher-trovador.

Ai. Descuidado  
Que palavras altas  
Que montanha de mágoas  
Que águas  
De um venenoso lago  
Tu derramaste  
Nos meus ferimentos.

Que simetria, justeza  
Para ferir-me a mim  
Como se a cruz quisesse  
De mim ser a moradia.

E eu canto  
Porque é esse o destino  
Da minha garganta.  
E canto

Porque criança aprendi  
Nas feiras: ave e mulher  
Cantam melhor na cegueira.

## XXVII

Amor agora  
Meu inimigo.  
Barco do olvido  
Entre o teu ódio  
E o meu navegar  
Fico comigo.

Sopro, cadência  
Meu hausto e mar  
Navego a rocha  
Somo o castigo  
Deslizo, meu ódio-amigo,

Graça e alívio  
De te alcançar.

## XXVIII

Ronda tua crueldade.  
Esconde, avança

Até que me descubras  
Fissura rigorosa  
Na tua garra  
Ajustado tensor  
Para tua lança.

Ronda meu abandono  
Persegue  
Trança meu desamparo  
Sono e tua iniquidade.  
Ritualiza a matança  
De quem só te deu vida.

E me deixa viver  
Nessa que morre.

## XXIX

Faz de mim tua presa:  
Raiz para o teu ódio  
Amor para o meu navegar  
E abrandado cessa  
De lançar tua rede  
Tua armadilha.

Faz de mim tua sombra  
E injúria, sangra  
Essa que te descansa  
Na tua soberba escalada ao meio-dia.  
Golpeia  
Para amansar tua fina presa.

Faz de mim tua boca  
E cobre de saliva  
Tua cria de carne e solidão.  
E abrandado cessa  
Teu exercício de virtude e treva.



## XXX

O Tempo e sua fome.  
Volúpia e Esquecimento  
Sobre os arcos da vida.  
Rigor sobre o nosso momento.

O Tempo e sua mandíbula.  
Musgo e furor  
Sobre os nossos altares.  
Um dia, geometrias de luz.  
Mais dia nada somos.

Tempo e humildade.  
Nossos nomes. Carne.  
Devora-me, meu ódio-amor,  
Sob o clarão cruel das despedidas.

## XXXI

Barcas  
Carregando a vida  
Descendo as águas.  
Passam pesadas  
Distantes do poeta e de sua caminhada.

Barcas  
Inundadas de afago  
Nas águas da meiguice.  
O fulgor dos cascos  
Ilumina o dorso dos afogados:  
Eu soterrada  
Em aguaduras escuras de velhice.

Barca é o teu nome.  
E passas.  
Candente, clara  
Navegas tua última viagem  
Sobre o meu corpo molhado de palavras.

## XXXII

Um coro de despedidas.  
E apenas duas as vozes.  
Um discursivo de muros  
E algoz-olhares

Fundas aguadas  
Subindo à tona  
Das desmedidas.

E açoite  
Sobre as lembranças.  
E musgo, vísceras  
Cobrindo o vínculo

Rútilo brilho das alianças.

E facas tão alongadas  
Trilhas, estradas  
Frias escarpas  
AINDA para a tua volta.

## XXXIII

Se te pronuncio  
Retomo um Paraíso  
Onde a luz se faz dor  
E gelo a claridade.  
Se te pronuncio  
É esplendor a treva  
E as sombras ao redor  
São turquesas e sóis  
Depois de um mar de perdas.

Vigio  
Esta sonoridade dos avessos.  
Que se desfaça o fascínio do poema  
Que eu seja Esquecimento  
E emudeça.

## XXXIV

As águas, meu ódio-amor.  
Uma boca de seixos  
Um oco de palavras  
Um sumidouro de fomes  
E de asas  
Teu ódio-escama  
Sobre o meu desejo.

As águas, meu ódio-amor.  
Mulheres afogadas  
Eu-muitas  
De litígio, escureza  
E a sedução de me pensares  
Presa  
Me sabendo invasão.

E unguento sobre a tua mágoa.  
Flores, graças  
Para que os nossos corpos  
Se lavem destas águas

Caridosos com a carne e as ilusões.

## XXXV

Desgarrada de ti  
Sou a sombra da Amada.  
Das madeiras da casa  
Farei barcas côncavas

E tingirei de negro  
Os lençóis de fogo  
Onde nos deitávamos

Velas  
Bandeira para minhas barcas.

E de dureza e arrojo  
Hei de chegar a um porto  
De pedras frias.

Memória e fidelidade  
Meu corpo-barca  
Esmago contra as escarpas.

De luto e choros um dia  
Verei tua boca beijando as águas  
Teu corpo-barca. Minha trilha.

## XXXVI

Pedras dentro das barcas  
Favos trincados  
Embaçando as águas

Ai que cuidados  
Que fulgor de dentes  
Para criar um espaço  
De ausências no meu presente.

E envoltório de malhas  
E escuros rosários  
Feitos de sal e aço

Ai que cuidados  
Para prender quem vive  
Dessas cadeias

E morre  
Só de pensar em não tê-las.

## XXXVII

Quem é que ousa cantar, senhor,  
Um ódio dito formoso?

Que raro fosso há de ser  
O escuro melodioso

Esse tão meu, de sementes  
De verdes dentro de um poço?

Que largueza incongruente  
Nos versos, sem parecer

Que quem trova  
Se fez demente.

Que altas novas  
Este cantar de mulher:

Um ódio de esclarecer  
Desejo que não se mostra.

Um ódio-fêmea, senhor,  
É bem o fosso onde cresce a rosa:  
A rara. De ódio-formoso.



## XXXVIII

Toma-me ao menos  
Na tua vigília.  
Nos entressonhos.  
Que eu faça parte  
Das dores empoçadas  
De um estendido de outono

Do estar ali e largar-se  
Da tua vida.

Toma-me  
Porque me agrada  
Meu ser cativo do teu sono.  
Corporifica  
Boca e malícia.  
Tatos.  
Me importa mais  
O que a ausência traz  
E a boca não explica.

Toma-me anônima  
Se quiseres. Eu outra  
Ou fictícia. Até rapaz.  
É sempre a mim que tomas.  
Tanto faz.

## XXXIX

Escreveste meu nome  
Sobre a água?  
A fogo, na alma  
Desenhei o teu

Grafismo iluminado  
Imantado e novo

Teu nome e o meu.

Novo  
Porque no nunca se viu  
Nome tão pertencido.  
Antigo porque há milênios  
Se entrelaçaram justos  
No infinito.

E raro  
Porque tingido de um mosaico vivo  
De danação e amor.

Teu nome.  
Irmão do meu.

## XL

De rispidez e altivo

Passeias teu passo predador  
Sobre o meu peito  
E sobre o meu deserto.  
Minha alma a teu redor  
Na muralha dos séculos.

De amplitude e fervor  
A casa e sua candeia  
Te aguardam.  
Famintas dessa caça  
E desse caçador.

Se há volúpia no mal  
Trago as mãos cheias.  
Um sol que se dissolve  
E me incendeia.

E é sempre o mesmo fogo  
A lenha, o mesmo mal.

## XLI

Ouvia:  
Que não podia odiar  
E nem temer  
Porque tu eras eu.  
E como seria  
Odiar a mim mesma

E a mim mesma temer

Se eu caminhava, vivia  
Colada a quem sou  
E ao mesmo tempo ser  
Dessa de mim, inimiga?

Que não podia te amar  
Tão mais do que pretendia.  
Pois como seria ser

Pessoa além do que me cabia?

Que pretensões de um sentir  
Tão excedente, tão novo  
São questões para o divino

E ao mesmo tempo um estorvo  
Pra quem nasceu pequenino.  
Tu e eu. Humanos. Limite mínimo.

## XLII

Atados os ramos  
Os fios de linho  
As fitas  
Teci para nós  
A coroa da vida.  
Depois fiz a canção:  
Gracejos, lascívia  
E leveza  
Foram primos irmãos  
E noivos da conquista.  
E de granito e sol  
Me parecia o tempo  
Dessas vidas.

Milênios no depois  
Me soube iluminura  
Entre os dedos dos mortos.  
Poeira e entendimento  
Sob a luz dos ossos.

## XLIII

Ai que distância  
Meu ódio-amor  
Que dores  
Que cintilâncias  
De pena.  
Tão a meu lado  
Te penso  
No entanto  
Tão afastado

Como se a água ficasse  
A um dedo da minha boca  
E todo o deserto à volta  
Me segurasse.

Tão triste e tão à vontade  
Neste meu sol de martírios

Como se o corpo soubesse  
Desses caminhos da sede  
Porque nasceu conhecendo  
Da paixão seu descaminho.

E brilhos no teu sadismo  
E perdição na minha cara.  
Que coloridos espinhos  
Terás

Para a tua dura saudade.  
Que tempestades de sede  
Nos areais da procura  
Quando saíres à caça  
De quem te amou. De mim.

À caça do NUNCA MAIS.

## XLIV

Lembra-te que morreremos  
Meu ódio-amor.  
De carne e de miséria  
Esta casa breve de matéria  
Corpo-campo de luta e de suor.

Lembra-te do anônimo da Terra  
Que meditando a sós com seus botões  
Gravou no relógio das quimeras:  
"É mais tarde do que supões".

Porisso  
Mata-me apenas em sonhos.  
Podes dormir em fúria pela eternidade  
Mas acordado, ama. Porque a meu lado  
Tudo se faz tarde: amor, gozo, ventura.



## XLV

Que no poema ao menos  
Viscosidade e luz  
De nós dois, criaturas,  
Recriem seu momento.

Que da desordem  
De dois encantamentos  
Do visgo, do vidro  
De palavras duras

Coabitem  
O tosco e o transparente.

E desconforto e gosto  
Disciplina e paixão  
Discursivo e ciência

Construam pelo menos no poema  
A vizinhança dessas aparências.

## XLVI

Talvez eu seja  
O sonho de mim mesma.  
Criatura-ninguém  
Espelhismo de outra  
Tão em sigilo e extrema  
Tão sem medida  
Densa e clandestina

Que a bem da vida  
A carne se fez sombra.

Talvez eu seja tu mesmo  
Tua soberba e afronta.  
E o retrato  
De muitas inalcançáveis  
Coisas mortas.

Talvez não seja.  
E ínfima, tangente  
Aspire indefinida  
Um infinito de sonhos  
E de vidas.

## XLVII

Dorme o tormento  
O Eterno dorme suspenso  
Sobre as ideias e inventos

Só eu não durmo  
Pra te pensar.

Dormem perjuros  
E vanidades e urnas  
Dormem os medos  
E califados e ventres  
Dormem ardentes  
Os loucos, pátios adentro

Só eu não durmo  
Pra te pensar.

Dormem ativas  
As dobradiças  
De mil bordéis e conventos

E pêndulos dormindo ao tempo

Só eu não durmo  
Pra te pensar.

E agora escura  
Do jugo dos sentimentos  
Irreversiva, suicida  
Tateio aquele rochedo  
Do ódio de desamar.

## XLVIII

Teu livre-arbítrio, meu ódio-amor?  
O distendido flanco do tigre  
Sobre teu peito vivo.

Esculpida alvorada.  
Tua pretensa caça  
Na cara de granito.  
Não é a mim que persegues  
Nem és tu aquele que persigo.  
Os amantes se entregam  
Àquele corpo cruel mas perseguido

Armadura de garra e de delícias  
Corpo listrado de mel.

Meu livre-arbítrio, meu ódio-amor?  
Júbilo imerecido:  
O distendido flanco do tigre  
Sobre meu peito vivo.

## XLIX

Se me viessem à boca  
As palavras foscas  
Para te abrandar.  
Se levez e sopro  
Habitassem a casa  
Do meu corpo  
Não seria eu aquela do teu gosto  
E amarias lírios  
Ao invés de ostras.  
Se comedimento  
Mornidão, prudência  
Me dourassem a carne  
E o coração  
Tu me dirias rouco  
Que a bem do Desejo  
Desfez-se o Paraíso  
E inventou-se a Paixão.

Bem porisso preserva  
Quem te sabe inteiro.  
E cala teu instante  
De um ciúme que repete  
Que devo ser repouso  
E contenção.

## L

Um percurso de noites e vazantes  
Dunas escuras e casas vazias  
De mim mesma fui cruz e viajante.  
As costas do meu Deus era o que eu via.  
E ainda assim tão curvas

Arco que à minha frente se movia  
Também como quem busca.  
Um percurso a sós, meu ódio-amor,  
E um poderoso à frente viajante.  
Gritei nomes e sons, reinventei  
E às vezes via o ombro flamejante

Mover-se

Mas nunca como aquele que pretende  
Salvar alguém sem luz atrás de si.

E pranteei meu nome e minha vida.  
Mas laboriosa  
Hei de plantar redondas redivivas  
Para prender meu Deus à tua volta.

## LI

Cálida alquimia:  
Ouro e compaixão  
Sofrida pena  
Aquecendo a mão fria.  
Toma-me cara e mãos  
E amorosa tenta  
Revestir de ventura  
Palavra e teia.  
Ilumina o roteiro do poeta  
Reabrindo as ramas da ilusão.  
Que a caridade  
Te faça ainda mais sábia  
Diante da fêmea frágil.  
Que a mentira apascente  
O fogo da verdade.

E entre as escarpas  
As minhas, do coração  
Esperança e vivez  
Novamente se façam  
Sobre a minha cara e mãos.

## LII

Eu era parte da noite e caminhava  
Adusta e austera  
Sem luz e aventura.  
Tu eras praia e dia  
Um fogo branco  
O rosto da montanha sobre a terra.

E juntamos a treva  
Ao mar do meio-dia.  
Cristas aguadas, pontas  
Trilhas fosforescentes  
Na vastidão das sombras

Mas um instante apenas.

Porisso é que caminho como antes  
Adulta e austera.  
Acrescida de véus me mostro aos viajantes:  
Vês a mulher, aquela?  
Dizem que a cara é de calça e pedra.  
Que a luz das ilusões passou por ela.



## LIII

Cadenciadas  
Vão morrendo as palavras  
Na minha boca.  
Um sudário de asas  
Há de ser agasalho  
E pátria para o corpo.  
Anônimo, calado  
O poeta contempla  
Espelho e mágoa

Fragmentos de um veio  
Berçário de palavras.

Um as lendas volteiam  
O poeta vazio de seus meios:  
Escombro, escadas  
Amou de amor escuro  
E fugiu de si mesmo  
De sua própria cilada.

O poeta. Mudo.  
Aceitável agora para o mundo  
No seu sudário de asas.

## LIV

Na moldura, no esquadro  
Inalteráveis  
Passado e sentimento.

Dos dois contemplo  
Rigor e fixidez.  
Passado e sentimento  
Me contemplam

Arduidade nas caras  
Rigor no teorema.

Tento apagar  
Atos, postura. Revivem.  
Irremovíveis, vítreos

Incorporaram-se para sempre  
À eternidade do meu espírito.

## LV

Um tempo-luz  
Sobre o tempo do adeus  
Porque ainda é vivaz  
O sentimento.  
Porque ainda me vejo  
Como se tocasse  
Uns mosaicos azuis

Lisura de surpresa  
Na caligem de quadros  
E de quartos

No areal das mesas.

Ronda pela casa a maciez  
Se me repenso mansa  
E com cuidado.  
E ao meu redor  
Um gosto perolado  
Degusta o próprio fio  
De cordame e pobreza.

Rondas a casa.

Ah, foi apenas teu passo  
A pretendida luz deste poema.

## LVI

Areia, vou sorvendo  
A água do teu rio.  
E sendo rio  
Tu podes me tomar  
Minúscula, extensa  
Ampulheta guardada  
Esteira, desafio.

Areia, encharcada  
Recebo tuas palavras d'água  
Sumidouro, aguaça  
Em água-mel te prendo.  
Areia, vou te tomando vasta  
Ou milimétrica, lenta

Um rio de areia e caça  
Luminescente, tua.  
Uma presa de água.

## LVII

Há este céu duro  
Empedrado de ventos.  
Eternidade és tu, meu ódio-amor  
Senhor do meu sentimento.

Há este Nunca-Mais  
Ancorado no Tempo.  
E uma só tarde num aroma de ruas  
De mogorim, de aves.

E há refrões e ágatas  
Nas praças  
Daquele paraíso de ilusões.  
E barcas, pedras roladas

Extensos esgarçados  
Eternidade de nós, meu ódio-amor  
No SEMPRE-NUNCA MAIS.

## LVIII

O bisturi e o verso.  
Dois instrumentos  
Entre as minhas mãos.  
Um deles rasga o Tempo  
O outro eterniza  
Aquele tempo-ouro sem medida.

Rompem-se sílabas e fonemas.  
Estanco meus projetos.  
E o que se vê  
É um só comum-complexo  
Coração aberto.

E nunca mais  
Na dimensão da Terra  
Hei de rever as moradas, os tetos  
Os paraísos soberbos da paixão.

## LIX

Sonha-me, meu ódio-amor,  
Através do teu sonho, volto à vida.  
Passeia minha sombra e ilusões  
Pelos mesmos caminhos, os antigos.  
E sonha-me como se tomasses  
No fulgor da carne  
Tua primeira amante proibida.

Sonha-me um novo-sempre  
Um rosto  
Isento de crueldades e partidas.  
Sonha-me tua.  
Criança e esquecida da experiência humana  
Hei de voltar à vida.

## LX

Teu rosto se faz tarde  
Sob a minha mão.  
E envelheço terna  
Dividida e austera  
Um mergulho de luz  
Metade treva.

Pincéis de fino pelo  
Desenhando emoções.  
Teu rosto se faz noite  
Niquelado traço  
Anil e ouro baço  
Sob a minha mão.

E jardins de gelo  
E muralhas-espelho  
E papéis guardados  
Castos de desejo.

Teu rosto.  
Uma tintura de fogo  
Na planície dos dedos.



## LXI

Um verso único  
Oco de fundos  
Extenso, vermelho-vivo  
No túnel dos meus ouvidos:  
Sempre comigo Sempre comigo.

Um verso escuro  
De folhas-pontas  
De nichos  
De negras grutas  
A língua excede seu exercício:  
Sempre comigo Sempre comigo.

Um verso-vício  
Constância e nojo  
Vindo de uns lagos  
De malefício.

Amor partido  
Torres  
Poço-edifício  
Um verso único num golpe nítido:  
Sempre comigo Sempre comigo.

## LXII

Garças e fardos  
O voo e o pesado  
No meu coração.

E lebres álbidas  
E cães.  
Correirice e caça  
No meu coração.

Torres, escadas e águas  
Nem barcos, nem cordas  
No meu coração.

E lutos e garras  
Tua cara  
No meu coração.

## LXIII

Tens a medida do imenso?  
Contas o infinito?  
E quantas gotas de sangue  
Pretendes  
Desta amorosa ferida  
De tão dilatada fome.

Tens a medida do sonho?  
Tens o número do Tempo?  
Como hei de saber do extenso  
De um ódio-amor que percorre  
Furioso  
Passadas dentro do vento?

Sabes ainda meu nome?  
Fome. De mim na tua vida.

## LXIV

De sol e lua  
De fogo e ventre  
Te enlaço.  
Ainda que a boca  
A tua  
(Sem se mover  
Não dizendo)

Me diga palavras cruas:  
Máscara fria  
Lua-serpente  
Viva inimiga.

De sol e lua  
Me faço.  
Sabendo que a alma  
A tua  
(Sem se mostrar,  
Escondendo)

Me sabe irmã de tua eternidade.

## LXV

Meu ódio-amor:  
Tudo se esvai.  
A hora se faz móvel  
Escorrida  
Sobre o corpo da vida.  
Vou-me.  
Pedra lisa e mar  
Fixa-informe  
Tento te segurar  
Tu que és minha vida.  
Morre  
O mesmo de mim  
Se não me colo a ti.  
Vagueio.  
Alguém me vê  
E aponta:  
Dentro da flor aberta  
Uma abelha morta.

## LXVI

Nuns atalhos da tarde  
Vivendo imensidão  
Minha alma disse a mim  
Rica de sombras:  
Não pertencida.  
Exilada dos sóis  
Das outras vidas.

## LXVII

Vida da minha alma:  
Um dia nossas sombras  
Serão lagos, águas  
Beirando antiquíssimos telhados.  
De argila e luz  
Fosforescentes, magos,  
Um tempo no depois  
Seremos um só corpo adolescente.  
Eu estarei em ti  
Transfixada. Em mim  
Teu corpo. Duas almas  
Nômades, perenes  
Texturadas de mútua sedução.

## LXVIII

Te penso.  
E já não és o pensado.  
És tu e mais alguém  
No informe, nos guardados  
Alguém  
E tu mesmo sem nome, imaginado.

Te penso  
Como quem quer pintar o pensamento  
Colorir os muros do passado  
De umas ramas finas, mergulhadas  
Num luxo de tinturas.  
Te penso novo e vasto.  
E velho  
Igual à fome que tenho das funduras.



## LXIX

Resolvi me seguir  
Seguindo-te.  
A dois passos de mim  
Me vi:  
Molhada cara, matando-se.

Cravado de flechas claras  
Ramo de luzes, de punhaladas  
Te vi. Sangrando de morte rara:  
A minha. Morrendo em ti.

## LXX

Poeira, cinzas  
Ainda assim  
Amorosa de ti  
Hei de ser eu inteira.

Vazio o espaço  
Que me contornava  
Hei de estar ali.  
Como se um rio corresse  
Seu corpo de corredor  
E só tu o visses.  
Corpo do rio? Sou esse.

Fiandeira de versos  
Te legarei um tecido  
De poemas, um rútilo amarelo  
Te aquecendo.

Amorosa de ti  
VIDA é o meu nome. E poeta.  
Sem morte no sobrenome.

*Casa do Sol, 12/12/1981 a 5/11/1982*

## Obras publicadas de Hilda Hilst

### Poesia

*Presságio*. Ilustrações de Darcy Penteado. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1950.

*Balada de Alzira*. Ilustrações de Clóvis Graciano. São Paulo: Edições Alarico, 1951.

*Balada do festival*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1955.

*Roteiro do silêncio*. Rio de Janeiro: Anhambi, 1959.

*Trovas de muito amor para um amado senhor*. Prefácio de Jorge de Sena. São Paulo: Anhambi, 1960.

*Ode fragmentária*. Capa de Fernando Lemos. São Paulo: Anhambi, 1961.

*Sete cantos do poeta para o anjo*. Ilustrações de Wesley Duke Lee. Prefácio de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Massao Ohno, 1962.

*Poesia (1959/1967)*. São Paulo: Sal, 1967.

*Júbilo, memória, noviciado da paixão*. Capa e ilustrações de Anésia Pacheco Chaves. São Paulo: Massao Ohno, 1974.

*Da morte. Odes mínimas*. Ilustrações de Hilda Hilst. São Paulo: Massao Ohno/Roswitha Kempf, 1980.

*Poesia (1959/1979)*. Capa de Canton Jr.; ilustração de Bastico. São Paulo: Quíron/INL, 1980.

*Cantares de perda e predileção*. Capa de Olga Bilenky. São Paulo: Massao Ohno/M. Lydia Pires e Albuquerque, 1983.

*Poemas malditos, gozosos e devotos*. Capa de Tomie Ohtake. Prefácio de Leo Gilson Ribeiro. São Paulo: Massao Ohno/Ismael Guarnelli, 1984.

*Sobre a tua grande face*. Capa de Kazuo Wakabayashi. São Paulo: Massao Ohno, 1986.

*Amavisse*. Capa de Cid de Oliveira. São Paulo: Massao Ohno, 1989.

*Alcoólicas*. Xilogravura da capa de Antônio Pádua Rodrigues; ilustrações de Ubirajara Ribeiro. São Paulo: Maison de Vins, 1990.

*Bufólicas*. Capa e desenhos de Jaguar. São Paulo: Massao Ohno, 1992.

*Do desejo*. Capa de João Baptista da Costa Aguiar. Campinas: Pontes, 1992.

*Cantares do sem nome e de partidas.* Capa de Arcangelo Ianelli. São Paulo: Massao Ohno, 1995.

*Do amor.* Capa de Arcangelo Ianelli. Prefácio de Edson Costa Duarte. São Paulo: Edith Arnhold/Massao Ohno, 1999.

#### Ficção

*Fluxo-floema.* Prefácio de Anatol Rosenfeld. São Paulo: Perspectiva, 1970.

*Qadós.* Capa de Maria Bonomi. São Paulo: Edart, 1973.

*Ficções.* Capa de Mora Fuentes. Apresentação de Leo Gilson Ribeiro. São Paulo: Quíron, 1977.

*Tu não te moves de ti.* Capa de Mora Fuentes. São Paulo: Cultura, 1980.

*A obscena senhora D.* Capa de Mora Fuentes. São Paulo: Massao Ohno, 1982.

*Com meus olhos de cão e outras novelas.* Capa de Maria Regina Pilla; Desenho da capa de Hilda Hilst. São Paulo: Brasiliense, 1986.

*O caderno rosa de Lori Lamby.* Ilustrações e capa de Millôr Fernandes. São Paulo: Massao Ohno, 1990.

*Contos d'escárnio. Textos grotescos.* Capa de Pinky Wainer. São Paulo: Siciliano, 1990; 2. ed., São Paulo: Siciliano, 1992.

*Cartas de um sedutor.* Capa de Pinky Wainer. São Paulo: Pauliceia, 1991.

*Rútilo nada.* Capa de Mora Fuentes e Olga Bilenky. Campinas: Pontes, 1993.

*Estar sendo. Ter sido.* Capa de Cláudia Lammoglia; Foto da capa de Catherine A. Krulik; Ilustrações de Marcos Gabriel. Prefácio de Clara Silveira Machado. São Paulo: Nankin, 1997; 2. ed., São Paulo: Nankin, 2000.

*Cascos e carícias: crônicas reunidas (1992/1995).* Capa de Cláudia Lammoglia; Foto da capa de J. Toledo. São Paulo: Nankin, 1998; 2. ed., São Paulo: Nankin, 2000.

#### Dramaturgia

*Teatro reunido.* Capa de Olga Bilenky. São Paulo: Nankin, 2000. v. I.

#### Participação em coletâneas

Aguenta coração. *In:* COSTA, Flávio Moreira da. *Onze em campo e um banco de primeira.* 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998. pp. 39-40.

Canto Terceiro, XI (*Balada do Festival*). *In:* CAMPOS, Milton de Godoy (org.). *Antologia poética da Geração de 45.* São Paulo: Clube de Poesia, 1966. pp. 114-5.

*Rútilo nada*. In: PALLOTINI, Renata (org.). *Anthologie de la poésie brésilienne*. Tradução de Isabel Meyrelles. Paris: Chandeigne, 1998. pp. 373-81.

Gestalt. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp. 332-3.

*Do desejo* (fragmentos), *Alcoólicas* (fragmentos). In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp. 289-90, 293-5.

*Do desejo* (poema XLIX). In: PINTO, José Nêumanne. *Os cem melhores poetas brasileiros do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 230.

*Poeti brasiliani contemporanei*. Prefácio e seleção de Silvío Castro. Veneza: Centro Internazionale della Grafica di Venezia, 1997. pp. 64-75.

Em parceria

*Renina Katz: serigrafias*. Poema de Hilda Hilst. São Paulo: Cesar, 1970.

Traduções

Para o francês

*Contes sarcastiques – fragments érotiques*. Tradução de Maryvonne Lapouge-Petarelli. Paris: Gallimard, 1994.

*L'obscène madame D suivi de Le chien*. Tradução de Maryvonne Lapouge-Petarelli. Paris: Gallimard, 1997.

*Agda* (fragmento). *Brasileiras*. Organização de Clélia Pisa e Maryvonne Lapouge-Petarelli. Paris: França, 1977.

*Sur ta grande face*. Tradução de Michel Riaudel. *Pleine Marge*, Paris, n. 25, pp. 33-51, maio 1997.

*Da morte. Odes mínimas/De la mort. Odes minimes*. Edição bilíngue. Tradução de Álvaro Faleiros. Ilustrações de Hilda Hilst. São Paulo/Montréal: Nankin/Noroit, 1998.

Para o italiano

*Il quaderno rosa di Lori Lamby*. Tradução de Adelina Aletti. Milão: Sonzogno, 1992.

Para o espanhol

*Rútilo nada*. Tradução de Liza Sabater. *De azur*, New York, pp. 49-59, jun./ago. 1994.

Para o inglês

*Glittering Nothing*. Tradução de David William Foster. In: FERREIRA-PINTO, Cristina (Edited, with an Introduction and Notes). *Urban Voices: Contemporary Short Stories from Brazil*. New York: University Press of America, 1999.

*Two Poems*. Tradução de Eloah F. Giacomelli. *The Antigone Review*, Scotia, n. 20, p. 61, 1975.

Para o alemão

*Briefe eines Verführers (Cartas de um sedutor, fragmento)*. Tradução de Mechthild Blumberg. *Stint. Zeitschrift für Literatur*, Bremen, n. 27, ano 15, pp. 28-30, out. 2001.

*Funkelndes Nichts (Rútilo nada)*. Tradução de Mechthild Blumberg. *Stint. Zeitschrift für Literatur*, n. 29, ano 15, Bremen, pp. 54-66, ago. 2001.

*Vom Tod. Minimale Oden (Da Morte. Odes Mínimas)* (Odes I, IV, V, VI, VIII, XII, XIX e poemas I e III de "À tua frente. Em vaidade"). Tradução de Curt Meyer-Clason. In: *Modernismo Brasileiro und die brasilianische Lyrik der Gegenwart*. Berlim, 1997.

## Bibliografia selecionada sobre Hilda Hilst[1]

Livros e artigos em livros

BRAGA, Dulce Salles Cunha. *Autores contemporâneos brasileiros: depoimentos de uma época*. São Paulo: Giordano, 1996. pp. 126, 147-248. (Memória)

BRANCO, Lúcia Castello. A (im)possibilidade da escrita feminina. In: ———. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa Maria/TLC Livros Técnicos Científicos, 1989.

CASTELLO, José. Hilda Hilst – a maldição de Potlatch. In: *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999. pp. 91-108.

COELHO, Nelly Novaes. A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst; A metamorfose de nossa época; *Fluxo-floema* e *Qádos: a busca e a espera*. In: ———. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993. pp. 79-101, 210-21.

COELHO, Nelly Novaes. Tendências atuais da literatura feminina no Brasil. In: ———. *Feminino singular: a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: GRD/Rio Claro: Arquivo Municipal, 1989.

DUARTE, Edson Costa. A poesia amorosa de Hilda Hilst. In: HILST, Hilda. *Do amor*. São Paulo: Edith Arnhold/Massao Ohno, 1999. pp. 89-95.

———, & MACHADO, Clara Silveira. A vida: uma aventura obscena de tão lúcida. In: HILST, Hilda. *Estar sendo. Ter sido*. São Paulo: Nankin, 1997. pp. 119-24.

MEDINA, Cremilda. Hilda Hilst. A palavra, braço do abismo à lucidez. In: ———. *A posse da terra: escritor brasileiro hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1985. pp. 237-48.

MILLIET, Sérgio. 1949-1950. In: ———. *Diário crítico*. São Paulo: Martins, s/d., v. 7, pp. 297-8.

———. 1955-1956. In: ———. *Diário crítico*. São Paulo: Martins, s/d., v. 10, pp. 57-60.

QUEIROZ, Vera. *Hilda Hilst: três leituras*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

RIBEIRO, Leo Gilson. [Apresentação]. In: HILST, Hilda. *Ficções*. São Paulo: Quíron, 1977. pp. IX-XII.

———. Hilda, encantamento místico inigualável. In: ———. *Poemas malditos, gozosos e devotos*. São Paulo: Massao Ohno/Ismael Guarnelli, 1984. pp. 9-16.

ROSENFELD, Anatol. Hilda Hilst: poeta, narradora, dramaturga. *In: HILST, Hilda. Fluxo-floema*. São Paulo: Perspectiva, 1970. pp. 10-7.

———. O teatro brasileiro atual. *In: ———. Prismas do teatro*. São Paulo: Perspectiva, Edusp/Campinas: Editora da Unicamp, 1993. pp. 167-8.

RUSCHEL, Rita. Hilda Hilst. *In: ———. Meus tesouros da juventude*. São Paulo, Summus, 1983. pp. 51-63.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. Ferocidade das fêmeas. *In: Tais superfícies: estética e semiologia*. Rio de Janeiro: Otti Editor, 1998. pp. 49-52.

SENA, Jorge de. Prefácio. *In: HILST, Hilda. Trovas de muito amor para um amado senhor*. São Paulo: Anhambi, 1960. pp. 5-7.

———. Trovas de muito amor para um amado senhor – Hilda Hilst. *In: Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. pp. 161-2.

———. Palavras de Jorge de Sena (a propósito de *Trovas de muito amor para um amado senhor*). *In: HILST, Hilda. Poesia (1959/1979)*. São Paulo/Brasília: Quíron/INL, 1980. pp. 273-4.

VINCENZO, Elza Cunha de. O teatro de Hilda Hilst. *In: ———. Um teatro da mulher*. São Paulo: Perspectiva, 1992. pp. 33-8.

#### Artigos em jornais e periódicos

ABREU, Caio Fernando. Um pouco acima do insensato mundo. *Leia*, São Paulo, fev. 1986.

———. A festa erótica de Hilda Hilst. *A-Z*, São Paulo, n. 126, 1990.

———. Deus pode ser um flamejante sorvete de cereja – Hilda Hilst. *Leia*, São Paulo, jan. 1987.

ALBUQUERQUE, Gabriel. Os nomes de Deus. *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, n. 70, pp. 25-8, abr. 2001.

ARCO E FLEXA, Jairo. Muita agonia. *Veja*, São Paulo, 7 jan. 1981.

ARÊAS, Vilma, & WALDMAN, Berta. Hilda Hilst: o excesso em dois registros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 out. 1989.

BARROS, André Luiz. Obscena senhora. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 set. 1995.

BARROS, Benedicto Ferri de. Para o filisteu ler escondido. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 2 fev. 1991.



- BLUMBERG, Mechthild. Entretien avec Hilda Hilst. *Infos Brésil*, Paris, n. 167, mar. 2001.
- BRASIL, Ubiratan. Uma viagem pelas raras palavras de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 2001. Caderno 2.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. O fruto proibido. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 set. 1952.
- CECHELERO, Vicente. Hilda Hilst explora alegorias em texto sobre a morte. *O Estado de S. Paulo*, 16 ago. 1998.
- CICCACIO, Ana Maria. Novembro, mês fértil para Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 13 out. 1989.
- COELHO, Nelly Novaes. *Qadós: a busca e a espera*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 mar. 1974.
- . Hilda Hilst: entre o eterno e o efêmero. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 ago. 1984.
- . A agonia dialética de *A obscena senhora D*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 mar. 1983.
- COLI, Jorge. Lori Lamby resgata paraíso perdido da sexualidade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1991.
- . Meditação em imagens. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jun. 1996.
- COMODO, Roberto. O fecho de uma trilogia erótica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 set. 1991.
- D'AMBROSIO, Oscar. O sexo sem metáforas. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 26 out. 1991.
- . Guimarães Rosa encontra seu duplo: Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 jan. 1987.
- ERCILIA, Maria. Cartas de uma senhora obscena; Uma mulher de leitura fácil. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1º set. 1991. Revista D.
- FARIA, Álvaro Alves de. Poesia iluminada de Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 29 nov. 1986.
- . Hilda Hilst, o silêncio estrondoso. *Caros Amigos*. São Paulo, dez. 1998.
- FIORILLO, Marília Pacheco. Para refletir. *Veja*, São Paulo, 16 abr. 1980.
- FOSTER, David William. Hilda Hilst. *Rútilo nada, A obscena senhora D, Qadós*. LYON, Ted (ed.). *Chasqui* (Revista de literatura lati-noamericana), Texas, v. XXIII, n. 2, pp.

168-70, nov. 1994.

FRAGATA, Cláudio. Entre a física e a metafísica, Hilda Hilst. *Globo Ciência*, São Paulo, ago. 1996.

FUENTES, José Luís Mora. Entre a rameira e a santa. *Cult*, São Paulo, n. 12, pp. 14-5, jul. 1998.

FURIA, Luíza Mendes. Hilda Hilst percorre o caminho da imortalidade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 maio 1997.

GIACOMELLI, Eloah F. Hilda Hilst na "jornada pelo interior do país da Mente". *O Estado de S. Paulo*, 30 out. 1977.

———. The brazilian woman as writer. *Branching Out*, Canadá, v. II, n. 22, mar./abr. 1975.

GIRON, Luís Antônio. Hilda Hilst: ela foi uma boa menina. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1988.

GONÇALVES, José Eduardo. O exílio delicado da paixão. *Palavra*. Belo Horizonte, set. 1999.

GONÇALVES, Delmiro. O sofrido caminho da criação artística segundo Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 ago. 1973.

GRAIEB, Carlos. Hilda Hilst expõe roteiro do amor sonhado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 ago. 1995.

GRANDO, Cristiane. Leitura genética do poema "Se tivesse madeira e ilusões", de Hilda Hilst. *Manuscrita: revista de crítica genética*, São Paulo, mar. 1998.

———. Manuscritos e processos criativos. *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, n. 70, pp. 22-4, abr. 2001.

GUAIUME, Silvana. Tormenta de cães e terra. *Correio Popular*, Campinas, 26 out. 1997.

GUIMARÃES, Elisa. Novelas de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 abr. 1987.

INSTITUTO Moreira Salles. *HILDA HILST. Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 8, out. 1999.

JOSEF, Bella. Hilda Hilst: o poeta, a palavra e a morte. *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*, Belo Horizonte, 12 dez. 1981.

- . Hilda Hilst: as trevas luminosas da poesia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1986.
- JUNQUEIRA, Ivan. Sete faces da embriaguez. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1992. Ideias/Livros & Ensaios.
- LEITE NETO, Alcino. Hilda Hilst revela poema inédito de Drummond. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1991.
- LEMBO, José Antonio. Um pouco além da sexualidade. Rumo ao obscuro. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 27 out. 1990. Caderno de Sábado.
- LIMA, Mariângela Alves de. Sem pés na terra. *Veja*, São Paulo, 25 abr. 1973.
- LINDON, Mathieu. Hilda Hilst, la mère des sarcasmes. *Libération: Les cahiers livres de Libération/littérature étrangère*, Paris, 17 nov. 1994. p. 6.
- LUIZ, Macksen. Teatro – *As aves da noite*. Voo sem alcance. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 set. 1982.
- LUSVARGHI, Luiza. A literatura é mulher. Feminino plural. *Leia*, São Paulo, Ano XL, n. 135, jan. 1990.
- MACHADO, Álvaro. “Ninguém me leu, mas fui até o fim”, diz Hilda Hilst. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1990.
- MACIEL, Pedro. Sexo, álcool e desilusão. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 set. 1997.
- MARIA, Cleusa. A verdade extrema de Hilda. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 set. 1982.
- MARTINS, Wilson. A provocadora. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1999.
- MASCARO, Sônia de Amorim. Hilda Hilst. Uma conversa emocionada sobre a vida, a morte, o amor e o ato de escrever. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 21 jun. 1986.
- MASSI, Augusto. Singular senhora. *Leia Livros*, São Paulo, out. 1983.
- . Hilda Hilst, “tecelã de um texto total”. *Correio Popular*, Campinas, 5 jun. 1984.
- MAYRINK, Geraldo. Dona da palavra. *Veja*, São Paulo, 21 maio 1997.
- MENDONÇA, Paulo. Teatro – Hilda Hilst. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 4 set. 1968.
- MORAES, Eliane Robert. A obscena senhora Hilst. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 maio 1990. Ideias/Livros.
- MOURA, Diógenes. A clausura de Hilda Hilst. *República*, São Paulo, jun. 1997.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Notas marginais sobre o erotismo: *O caderno rosa de Lori Lamby*. *Travessia*, Florianópolis, n. 22, 1991.

- NASCIMENTO, Paulo César do. Hilda Hilst e Deus: um velho caso de amor. *O Estado de S. Paulo*, 18 jun. 1986.
- NETTO, Cecília Elias. A santa pornográfica. *Correio Popular*, Campinas, 7 fev. 1993.
- OLIVIERI-GODET, Rita, & RIAUDEL, Michel. Hilda Hilst et Adélia Prado – Poèmes. *Pleine Marge: cahiers de littérature, d'arts plastiques et de critique*. Paris, Éditions Peeters-France, 1997.
- . Introduction à *Sur ta grande face*, Pleine Marge, Paris, n.º 25, maio 1997.
- PÉCORA, Alcir. Não é pornográfica a pornografia de Hilda Hilst. *Correio Popular*, Campinas, 7 nov. 1991.
- . A moral pornográfica. *Suplemento Literário do "Minas Gerais."* Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, n. 70, pp. 16-9, abr. 2001.
- , & HANSEN, João Adolfo. Tu, minha anta, HH. *Revista USP*, São Paulo, n. 36, 1998.
- PORRO, Alessandro. Hilda Hilst lança novo romance e se diz incompreendida por público e crítica. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 maio 1997.
- QUINLAN, Susan Canty. O exílio fictício em *A obscena senhora D* de Hilda Hilst. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*, Berkeley, 20(40): 62-8, 1994.
- REALI JÚNIOR. Franceses vibram com Hilda Hilst, a "mãe dos sarcasmos". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 dez. 1994.
- RIAUDEL, Michel. Contes sarcastiques (fragments érotiques). *Infos Brésil*, Paris, n. 96, out. 1984.
- . *L'obscène madame D suivi de "Le chien"*. *Infos Brésil*, Paris, n. 127, pp. 20-1, jul./set. 1997.
- RIBEIRO, Leo Gilson. O vermelho da vida. *Veja*, São Paulo, 24 abr. 1974.
- . Punhal destemido. *Revista Leia*, São Paulo, jan. 1987.
- . Luminosa despedida. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 4 mar. 1989.
- . A morte saudada em versos iluminados. Por Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 18 out. 1980.
- . Os versos de Hilda Hilst integrando a nossa realidade. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 fev. 1981.
- . Mais uma obra de Hilda Hilst. Com todos os superlativos. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 20 nov. 1982.

- . Hilda Hilst, cósmica e atemporal. Em busca de Deus. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 17 jan. 1987.
- RIBEIRO, Rodrigo Petrônio. Passeio pelo mistério. *Bravo!*, São Paulo, set. 1999.
- ROSENFELD, Anatol. O teatro de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 jan. 1969. Suplemento Literário.
- SÁ, Sérgio de. Hilda Hilst. *Correio Braziliense*, Brasília, 15 fev. 1998.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. Sobre a ferocidade das fêmeas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1994.
- SCALZO, Fernanda. Hilda Hilst profissionaliza “bandalheira” em novo livro. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13 out. 1990.
- . Hilda Hilst vira pornógrafa para se tornar conhecida e vender mais. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 11 maio 1990.
- SCALZO, Nilo. A certeza de não sair de mãos vazias. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 maio 1984.
- SCHULKE, Evelyn. A vida escrita no feminino. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 7 out. 1978. O Seu Caderno de Programas e Leituras.
- SECRETARIA da Cultura do Estado de Minas Gerais. A escrita-vertigem de Hilda Hilst. *Suplemento Literário do “Minas Gerais”*, Belo Horizonte, n. 70, abr. 2001.
- SCWARTZKOPFF, Hella. Perto do coração selvagem. *Aqui*, São Paulo, 10-16 fev. 1971.
- SILVEIRA, Helena. As vozes de Hilda Hilst. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 mar. 1973.
- STYCER, Maurício. Hilda Hilst. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16 abr. 1997.
- SUSSEKIND, Flora. Corpo e palavra. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1977.
- TAIAR, Cida. A difícil Hilda Hilst lança o seu 15.º livro. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23 nov. 1982.
- TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Balada do festival. *Jornal de Letras*, 29 set. 1955.
- THEVENET, Cláudia. Hilda Hilst revê seus livros polêmicos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 jun. 1998.
- VALENÇA, Jurandy. Novas traduções para Hilda Hilst. *Correio Popular*, Campinas, 15 out. 1995.
- VASCONCELOS, Ana Lúcia. Hilda Hilst: a poesia arrumada no caos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19 set. 1977.

WEINTRAUB, Fabio. Poeta se mantém fiel a temas e imagens. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 ago. 1996.

WERNECK, Humberto. Hilda se despede da seriedade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1990.

WILLER, Cláudio. Pacto com o hermético. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1990.

———. A luz especial que brilha nessas odes. *Da Morte. Odes mínimas. IstoÉ*, São Paulo, 15 fev. 1980.

———. O conflito entre a sociedade e o escritor. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 26 maio 1990.

[Sem assinatura.] Esperando Haydum. *Veja*, São Paulo, 9 dez. 1970.

———. Poetisa tem duas peças em cartaz. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 dez. 1968.

———. O teatro de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1969.

———. Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 23 abr. 1974.

#### Entrevistas e depoimentos

ARAÚJO, Celso, & FRANCISCO, Severino. Nossa mais sublime galáxia. *Jornal de Brasília*, Brasília, 23 abr. 1989.

BOJUNGA, Cláudio. Quatro conversas com o mistério Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 24 jun. 1972.

BUENO, Maria Aparecida. Hilda Hilst. In: *Quatro mulheres e um destino* (Hilda Hilst, Fernanda Torres, Fernanda Montenegro e Eliane Duarte). Rio de Janeiro, Uapê, 1996. pp. 18-52. Coleção Arte e Psicanálise.

CARDOSO, Beatriz. A obscena senhora Hilst. *Interview*, São Paulo, out. 1994.

CASTELLO, José. Hilda Hilst troca pornô por erotismo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 jun. 1992.

FURIA, Luíza Mendes. Hilda Hilst percorre o caminho da imortalidade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 maio 1997. Caderno 2.

*HILDA Hilst para virgens*: vídeo de Taciana Chiquetti, Hebe Rios e Julyana Troya. Campinas, Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica, nov. 2001.

MAFRA, Inês, & KARR, Fernando. Hilda Hilst: um coração em segredo. *Nicolau*, Curitiba, n. 51, p. 43, nov./dez. 1993.

- RIBEIRO, Leo Gilson. Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 mar. 1980.
- . Hilda Hilst. *Revista Goodyear*, São Paulo, pp. 46-51, 1989.
- RUSCHEL, Rita. Especial: Hilda Hilst. Disponível em: <<http://www.capitu.com.br/spg/content/capitu/acerv/mpg.asp?referenc=hildahilst>>.
- VALENÇA, Jurandy. Hilda Hilst cria personagem marcante. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1996.
- VÁRIOS autores. Hilda Hilst: fragmentos de uma entrevista. *Pirâmide (Revista de Vanguarda, Cultura e Arte)*, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, pp. 51-65, 1981.
- . Um diálogo com Hilda Hilst. In: ———. *Feminino singular (A participação da mulher na literatura brasileira contemporânea)*. São Paulo: GRD/Rio Claro: Arquivo Municipal, 1989. pp. 136-60.
- . Das sombras. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 8, out. 1999.
- WEINTRAUB, Fabio; COHN, Sérgio; GORBAN, Ilana, & WEISS, Marina. Os dentes da loucura. *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*, Belo Horizonte, n. 70, abr. 2001.
- ZENI, Bruno. Hilda Hilst. *Cult*, São Paulo, n. 12, pp. 6-13, jul. 1998.
- Dissertações e teses
- AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. *Holocausto das fadas: a trilogia obscena e o carmelito bufônico de Hilda Hilst*. (Mestrado em Teoria Literária). São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- BORSERO, Cássia Rossana. *A mãe dos sarcasmos*. (Bacharelado em Comunicação Social). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1995.
- CHIARA, Ana Cristina de Rezende. *Leituras malvadas*. (Doutorado em Literatura Brasileira). Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1996.
- GRANDO, Cristiane. *Amavisse de Hilda Hilst. Edição genética e crítica*. (Mestrado em Língua e Literatura Francesa). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1998.
- MACHADO, Clara Silveira. *A escritura delirante em Hilda Hilst*. (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1993.
- MAFRA, Inês da Silva. *Paixões e máscaras: interpretação de três narrativas de Hilda Hilst*. (Mestrado em Literatura Brasileira e Teoria Literária). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

TODESCHINI, Maria Thereza. *O mito em jogo: um estudo do romance A obscena senhora D*, de Hilda Hilst. (Mestrado em Literatura Brasileira e Teoria Literária). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

YONAMINE, Marco Antônio. *Arabesco das pulsões: as configurações da sexualidade em A obscena senhora D*, de Hilda Hilst. (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1991.



# Cronologia

1930, 21 de abril – Hilda Hilst nasce em Jaú (SP), às 23h45, numa casa da rua Saldanha Marinho. Filha de Bedecilda Vaz Cardoso, imigrante portuguesa, e de Apolônio de Almeida Prado Hilst, fazendeiro de café, escritor e poeta.

1932 – Bedecilda separa-se de Apolônio, mudando-se para Santos (SP) com Hilda e Ruy Vaz Cardoso, filho do primeiro casamento. Instalam-se na avenida Vicente de Carvalho, n.º 32.

1935 – Cursa o jardim de infância no Instituto Brás Cubas, na cidade de Santos. Em Jaú, Apolônio é diagnosticado esquizofrênico paranoico.

1937 – Ingressa como aluna interna no Colégio Santa Marcelina, em São Paulo (SP), onde cursará o primário e o ginásial.

1944 – Ao concluir o ginásial, passa a morar na residência de Ana Ivanovna, situada à rua Alemanha, no Jardim Europa, em São Paulo.

1945 – Começa o secundário no Instituto Presbiteriano Mackenzie, onde permanece até a conclusão do curso.

1946 – Muda-se para uma casa situada à rua Teixeira de Souza.

1948 – Entra na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo.

1950 – Publica seu primeiro livro de poesia, *Presságio*.

1951 – Publica seu segundo livro de poesia, *Balada de Alzira*. É nomeada curadora do pai.

1952 – Recebe o diploma de bacharelado em Direito.

1953 – Trabalha no escritório de advocacia do dr. Abelardo de Souza, em São Paulo.

1954 – Demite-se do escritório e abandona a advocacia. Após viagem à Argentina e ao Chile, muda-se para o apartamento da mãe, no parque Dom Pedro II, em São Paulo.

1955 – Publica *Balada do festival* (poesia).

1957 – Viaja à Europa. Permanece por seis meses em Paris. Ainda na França, conhece Nice e Biarritz. Vai para a Itália (Roma) e Grécia (Atenas e Creta). Voltando ao Brasil, muda-se

para apartamento na alameda Santos, n.º 2384, São Paulo.

1959 – Publica *Roteiro do silêncio* (poesia).

1960 – Publica *Trovas de muito amor para um amado senhor* (poesia). Viaja para Nova York e Paris. Muda-se para casa no bairro do Sumaré, São Paulo. Adoniran Barbosa, inspirado nas poesias da autora, compõe as músicas *Quando te achei* e *Quando tu passas por mim*. O músico José Antônio de Almeida Prado, seu primo, compõe a *Canção para soprano e piano*, a partir de poema desse livro.

1961 – Publica *Ode fragmentária* (poesia). O músico Gilberto Mendes compõe a peça *Trova I*, com base no primeiro poema de *Trovas de muito amor para um amado senhor*.

1962 – Recebe o Prêmio Pen Clube de São Paulo, com a publicação de *Sete cantos do poeta para o anjo*. Frequenta, com intelectuais, o Clube dos Artistas (ou Clubinho), localizado à rua Sete de Abril.

1965 – Muda-se para a sede da fazenda São José, de propriedade de sua mãe, em Campinas (SP). Inicia a construção de sua casa, próxima à sede.

1966, 24 de setembro – Morte do pai. Na época, Hilda já se transferira para a nova residência, que denominou “Casa do Sol”, onde viveu até sua morte. A casa será frequentada por artistas das várias áreas.

1967 – Começa a escrever suas peças teatrais. Nesse ano concluirá *A empresa (A possessa)* e *O rato no muro*. Publica *Poesia (1959/1967)*.

1968, 10 de setembro – Casa-se com Dante Casarini. Nesse ano, escreve as peças *O visitante*, *Auto da barca de Camiri*, *O novo sistema* e inicia *As aves da noite*. Na praia de Massaguaçu, próxima a Caraguatatuba, no litoral paulista, inicia a construção da casa que denomina “Casa da Lua”, a qual concluirá no ano seguinte e onde passará algumas temporadas. As peças *O visitante* e *O rato no muro* são encenadas no Teatro Anchieta, em São Paulo, para exame dos alunos da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo.

1969 – Finaliza, na Casa da Lua, *As aves da noite* e escreve *O verdugo* e *A morte do patriarca*, concluindo sua dramaturgia, que, com exceção de *O verdugo*, permaneceria inédita em livro até o ano 2000. Escreve *Ode descontínua e remota para flauta e oboé* (poesia), posteriormente publicada como parte do livro *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. Inicia sua ficção com o texto “O unicórnio”. Recebe o Prêmio Anchieta de Teatro com a peça *O verdugo*. O músico José Antônio de Almeida Prado compõe *Pequenos funerais cantantes*, a partir dos poemas de *Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos*

*Maria de Araújo*, incluídos posteriormente em *Poesia (1959/1979)*. *O rato no muro* participa do Festival de Manizales, na Colômbia.

1970 – Publica seu primeiro livro de ficção: *Fluxo-floema*. A peça *O novo sistema* é apresentada no Teatro Veredas, em São Paulo.

1971, 31 de maio – Falecimento de sua mãe.

1972 – Estreia de *O verdugo* em Londrina (pr).

1973 – Lança seu segundo livro de ficção, *Qadós* (título cuja grafia a autora alteraria para *Kadosh*, em 2002). A peça *O verdugo* é apresentada no Teatro Oficina, em São Paulo.

1974 – Publicação de *Júbilo, memória, noviciado da paixão* (poesia).

1977 – Ganha o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (apca), na categoria “Melhor Livro do Ano”, com *Ficções*.

1980 – Primeira edição de *Da morte. Odes mínimas* (poesia). Publica também *Poesia (1959/1979)* e *Tu não te moves de ti* (ficção). Estreia de *As aves da noite* em São Paulo.

1981 – Ganha, da apca, o Grande Prêmio de Crítica pelo conjunto de sua obra.

1982 – Participa do Programa do Artista Residente, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Lança *A obscena senhora D*. A peça *As aves da noite* é apresentada no Teatro Senac, no Rio de Janeiro.

1983 – Publica *Cantares de perda e predileção* (poesia).

1984 – Lança *Poemas malditos, gozosos e devotos* (poesia). A peça *O rato no muro* é apresentada no Teatro Sesc, em Cascavel (pr). Recebe o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, com *Cantares de perda e predileção*.

1985, 26 de abril – Divorcia-se de Dante Casarini. Nesse ano, ganha o Prêmio Cassiano Ricardo, do Clube de Poesia de São Paulo, com o livro *Poemas malditos, gozosos e devotos*.

1986 – Publicação de *Sobre tua grande face* (poesia) e *Com os meus olhos de cão e outras novelas* (ficção).

1989 – Lança *Amavisse* (poesia).

1990 – Publica *Alcoólicas* (poesia) e os dois primeiros títulos de sua trilogia obscena, *O caderno rosa de Lori Lamby* e *Contos d’escárnio. Textos grotescos*.

1991 – Lança *Cartas de um sedutor*, encerrando sua trilogia obsce-na. Estreia, em São Paulo, a peça *Maria matamoros*, adaptação teatral do texto “Matamoros”, que se encontra

no livro *Tu não te moves de ti*.

1992 – Publica *Bufólicas* (poesias satíricas) e *Do desejo* (poesias). Inicia sua colaboração como cronista no “Caderno C”, do jornal *Correio Popular*, de Campinas. Tradução para o italiano de *O caderno rosa de Lori Lamby*.

1993 – Lança *Rútilo nada* (ficção). Estreia, no Rio de Janeiro, a adaptação teatral de *A obscena senhora D*.

1994 – Tradução para o francês de *Contos d’escárnio. Textos grotescos*. Recebe o Prêmio Jabuti por *Rútilo nada*.

1995 – Seu arquivo pessoal é comprado pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Desliga-se do *Correio Popular* e encerra suas atividades como cronista. Fim do Programa do Artista Residente. Lança *Cantares do sem nome e de partidas* (poesia). Estreia, em São Paulo, a adaptação teatral de *Cartas de um sedutor*.

1996 – O maestro José Antônio de Almeida Prado, a partir de *Cantares do sem nome e de partidas*, compõe *Cantares do sem nome e de partidas para canto e piano*.

1997 – Publicação, em francês, do volume contendo *A obscena senhora D* e o conto *Com os meus olhos de cão*. Publica *Estar sendo. Ter sido* (ficção) e anuncia seu afastamento do trabalho literário.

1998 – Lançamento de *Cascos e carícias: crônicas reunidas (1992/1995)* e reedição de *Da morte. Odes mínimas*, em versão bilíngue português/francês.

1999 – Publica *Do amor* (poemas escolhidos). Estreia, em São Paulo, a adaptação teatral de *O caderno rosa de Lori Lamby*. Ganha sua primeira página na Internet (<http://www.hildahilst.cjb.net>).

2000 – Lança *Teatro reunido (volume I)*. Estreia, em Brasília, a adaptação teatral de *Cartas de um sedutor*. Estreia, na Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio de Janeiro, o espetáculo *HH informe-se*, reunião e adaptação teatral de textos da autora. Inauguração, em dezembro, da *Exposição Hilda Hilst 70 anos*, evento organizado pela arquiteta Gisela Magalhães no Sesc Pompeia, em São Paulo.

2001 – Estreia, no Rio de Janeiro, a adaptação teatral de *Cartas de um sedutor*. A Editora Globo passa a ser responsável por toda a sua obra publicada até o momento, respeitando-se os prazos de contratos ainda vigentes com outras editoras.

2002 – Recebe, da Fundação Bunge, o Prêmio Moinho Santista pelo conjunto de sua obra poética. Ganha, da apca, o Grande Prêmio da Crítica pela reedição de sua obra pela Editora Globo.

2003 – A editora Campo das Letras, da cidade do Porto, adquire os direitos de publicação de *Cartas de um sedutor* em Portugal.

2004 – Falece, no Hospital das Clínicas da Unicamp, na madrugada do dia 4 de fevereiro. É sepultada, na mesma data, no Cemitério das Aleias, em Campinas (SP).

Junho: Estreia em Porto Alegre a peça Hilda Hilst *in claustro*, com o grupo Depósito de Teatro, sob direção de Roberto Oliveira, no Hospital Psiquiátrico São Pedro.

2005 – Março: A poeta e cantora Beatriz Azevedo organiza no Sesc Pinheiros, na cidade de São Paulo, o evento *Palavra viva – Hilda Hilst*, composto por leituras dramáticas de textos da autora e conferências a cargo de críticos especializados.

Abril: O Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio inaugura a exposição *O caderno rosa de Lori Lamby*, com manuscritos, fotos, desenhos, cartas de Hilda Hilst, entre outros itens, com curadoria de Cristiane Grando.

A Companhia Teatro Transitório, dirigida por Moacir Ferraz, encena adaptação do conto *Agda* no Festival de Teatro de Curitiba.

[1] Fontes suplementares das bibliografias: Instituto Moreira Salles. HILDA HILST. Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo, n.º 8, out. 1999. YONAMINE, Marco Antônio. Arabesco das pulsões: as configurações da sexualidade em A obscena senhora D, de Hilda Hilst. (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1991.